

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 48 n.º	Semest. 24 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entreg.	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1309	Redacção—Administração—Atelier de gravura Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4
Portugal (franco de porte) m forte	3\$000	1\$500	500	5		Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto Largo de S. Roque, 11 e 12
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	750	5		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	900	5	10 de Maio de 1915	

CRONICA OCCIDENTAL

Não se revelaram de feição a inebriar-nos de otimismo os factos succedidos nos ultimos dias. As diversas gazetas relatam-nos de modo diverso os acontecimentos — mas, assim como assim, as noticias murmuradas das varias partes do paiz não tranquilisariam ninguém. Por muito obcecado que seja por ideias e sentimentos de facção, nenhum portuguez poderá, de certo, felicitarse do momento actual, que representa tudo quanto ha de mais depressivo e tudo quanto ha de mais deprimente para a dignidade d'um povo livre.

Triste condição a nossa!

Será possível que avancemos ainda mais no declive do abismo, sem que rolemos té ao fundo irremediavelmente?...

Crise de intelligencias.
Crise de caracteres.

Todos sentem que estamos á beira do sorvedoiro — entanto, não páram, não se detêm, e todos se empurram, mais e mais, uns aos outros, implacaveis, impulsionados de odios mesquinhos e movidos de interesses inconfessaveis.

A adversidade bate-nos á porta — mas nem esse sinal de agoiro tem o privilegio triste de nos unir. Cabriolamos cinicamente sobre a nossa propria desventura.

De longe, de perto, ameaçam-nos — mas nem esboçamos o gesto simples de repelir dignamente a afronta.

De vez em vez, apparece-nos o espectro de 1580 — mas isso não demove nem comove os nossos politicos. Serve-lhes apenas de especulação — apontando-o num gesto de melodrama, aos adversarios occasionais...

Todos assumem veleidades de modular com entôno — *j'accuse* — quando, afinal, todos deveriam reconhecer as suas proprias culpas e penitenciar-se delas silenciosamente...

Não se diga que pretendemos devanear sobre um tema de predilecção. Não.

Seria antes da nossa indole tecer elogios ás revelações sinceras do caracter e ironisar cariciosamente as pequeninas e inevitaveis fraquezas de humanidade. Seria antes da nossa indole erguer apoteose ao genio e castigar, ao de leve, os inofensivos delictos de intelligencia.

Mas que poderemos nós fazer, num paiz de chalaceadores sem merito, literatos de café e borra, politicos sem vergonha nem patriotismo, jornalistas sem brio nem tino, senão amarral-os e tactual-os no pelourinho da sua propria imbecilidade?...

Mais tarde, quando alguém tentar fazer a historia dos ultimos cincoenta annos, se fôr portuguez de tempera e origem, ha de sentir nausea e magua, ao ver que os nossos desvarios não teem a distinguil-os uma restea de intelligencia,

nem teem a justifical-os um assômo de dignidade. Não sabemos que malaría de loucura soprou sobre este desafortunado paiz, que perverteu a nossa sensibilidade moral e demonstrou o nosso entendimento. Isto revela-se nas coisas minimas da vida social portugueza.

— Surge a lume uma revista literaria de mancebos, esperançosos do renome, desesperados do merito. Envergam trajes de carnaval, põem nos pulsos guisos de folia, e inserem nos seus barretins de chéchés um P — que pode originar parnasianos, parvos ou paúlitas. Imediatamente, as gazetas do dia rasgam-se em elogio ou vituperio, envolvendo a rua numa poeirada toxica de réclame.

— Começa de fazer-se, nas praças publicas, sacristias, clubes ou salões de hospedarias, a prop-ganda duma nova teoria politica, e logo, sem pausa nem hesitação, todos largam, em redor, num movimento doido de apoteose ou surriada, — e ninguém se esforça por saber se a doutrina corresponde a uma realidade viva ou a uma necessidade imperiosa.

Quer dizer — a anarquia estende todas as suas garas e vinca-as indelevelmente nos ramos varios da actividade publica de Portugal. Um século de liberalismo deu-nos, pois, este momento de agonia.

Crise de caracteres...
Crise de intelligencias...

A nossa situação actual é um bêco sem saída. Assim, antepõe-se-nos com urgencia a resolução dum dilema dolorosissimo. Ou abrimos caminho, dê por onde der, vá por onde fôr — ou arriscamo-nos a ser surpreendidos como numa ratoeira ignominiosamente.



DR. BETTENCOURT RODRIGUES,
NOVO MINISTRO DE PORTUGAL EM PARIS

P. S. — As palavras, que acima se lêem, fôram escritas num momento raro de previdencia, dia 10, de tarde, com o tipógrafo, á porta do escritorio, a pedir nos insistentemente o original da Crónica. Entretanto, sobrevieram os acontecimentos

de 13 e 14 de Maio. Por isso, a nossa Revista sofreu um atrazo pesadissimo. Hoje, dia 17, relemos as provas typographicas do artigo, e entendemos que as considerações, ali feitas, são assaz justas e corresponderam demasiado á realidade aos factos.

Ai de nós—preferiamos que assim não fosse!

Solreria, talvez, um pouco, o nosso brio de observador,—que nada vale—mas, sem duvida, em compensação, seria mais desafogada a situação, interna e externa, de Portugal—que vale tudo...

ANTONIO COBEIRA.



Novo ministro de Portugal em Paris

Dr. Bettencourt Rodrigues

Para substituir o sr. João Chagas, que pediu a demissão de ministro de Portugal em Paris, nomeou o governo para aquele alto cargo o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, cuja superior intelligencia e excelente caracter são bem reconhecidos.

E' o sr. dr. Antonio Bettencourt Rodrigues, medico pela Faculdade de Medicina de Paris, e na grande capital do mundo passou parte da sua mocidade, relacionando-se com altas somidades da sciencia que justamente o consideraram.

A sua influencia se deve a criação, em Paris, de uma cadeira de Estudos Portuguezes, na Faculdade de Letras e que ficou fazendo parte do programa official. O governo de França, reconhecendo o valor intelectual do sr. dr. Bettencourt Rodrigues, conferiu-lhe, primeiro, o grau de cavaleiro da *Legião da Honra* e depois, a de official da mesma ordem, por solicitação de cientistas eminentes, como Liard, reitor da Universidade de Paris; Croiset, decano da Faculdade de Letras; Appel, decano da Faculdade de Sciencias; Levasseur, director do Colegio de França; e Lavissee, director da Escola Normal Superior.

Em Paris distinguia-se o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, muito especialmente no tratamento das afecções mentaes e epileticas e laureado de fama veio para Lisboa, onde continuou clinica desta especialidade e dirigiu a Casa de Saude Lisbonense.

São importantes os seus estudos publicados, taes como:

Do magnetismo animal. Lethargia; Catalepsia; Somnambulismo, publicado nas chronicas scientificas do *Seculo*, em 1884.

De l'état des réflexes chez les paralytiques généraux: in *Encéphale, journal des maladies mentales et nerveuses du Professeur Ball et du Docteur Luys*. Paris 1885. Contribution à l'étude des réflexes. Dans la paralysie générale des aliénés. *Thèse de doctorat*, Paris, 1886.

Accidentes hystericos; mutismo; hemianesthesia e hemiparesia, determinadas pelo choque do raio — *Archivo ophthalmotherapico de Lisboa*.

Lição de abertura do curso livre de nevropathologia e de psychiatria; professado no Hospital de Alienados de Rilhafolles — *Revista de nevrologia e psychiatria*. 1888.

De l'influence des phénomènes d'auto-intoxication et de la dilatation de l'estomac dans les formes dépressives et mélancoliques. *Mémoire présenté au congrès international de médecine mentale, tenu à Paris du 5 ao 10 aout 1889. comptes rendus du Congrès*.

Revista de Neurologia e Psychiatria. O primeiro e unico jornal de molestias mentaes e nervosas que se tem publicado em Portugal. 1888 e 1889.

Muitas outras memorias, notas clinicas e observações, (mais de vinte), tem publicado o illustre clinico, que o espaço de que dispomos nos obriga a resumir.

São tambem muito notaveis as suas conferencias realizadas na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa e na Escola Politecnica de Lisboa.

Não são menos notaveis as suas lições, do curso livre de nevropathologia e psychiatria no Hospital de Rilhafolles, as primeiras realizadas em Lisboa.

Os escriptos scientificos do sr. dr. Bettencourt Rodrigues tem sido citados por auctores estrangeiros com muita justiça.

Em 1889 foi o sr. dr. Bettencourt Rodrigues nomeado delegado da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa ao Congresso Internacional de Medicina Mental de Paris. No Congresso Internacional de Medicina Legal de New-York, reali-

sado no mesmo ano, foi eleito vice-presidente do Congresso.

Em 1892 partiu o sr. dr. Bettencourt Rodrigues para o Brasil, onde o precedera seu irmão o sr. dr. José Julio Rodrigues, o notavel scientista que a morte ha muito arrebatou, no vigor da idade, causando uma verdadeira perda nacional.

As ideias avançadas do sr. dr. Bettencourt Rodrigues não foram estranhas a sua ida para as Terras de Santa Cruz: quem, como elle desabrochava para a villa na grande capital do mundo que implantara pela terceira vez a Republica.

No Brasil o homem de sciencia continuou a honrar o nome portuguez, e regressando d'ali, não ha muito, o governo entendeu bem nome-lo para o alto cargo de que o investiu junto da Republica de França.

Da sua superior intelligencia e das boas relações que contraiu e manteu em Paris, ha tudo a esperar para o bom desempenho das altas funções a exercer, procurando assegurar a cordialidade das relações entre os dois paizes.

O sr. dr. Bettencourt Rodrigues foi recebido no Eliseu, em 5 deste mez, pelo sr. Poincaré ao qual apre-entou suas credenciaes, sendo a recepção feita com toda a solenidade.

O novo ministro portuguez terá agora occasião de reatar as suas antigas e boas relações com o sr. Poincaré.



Folhas soltas

Um notavel concerto

Todas as vezes que a conhecida professora de canto *Madame Eugenia Mantelli*, annuncia a sua festa annual, nos antros dos bastidores musicaes, lavra logo uma intensa curiosidade. Ha varios feitos de curiosos, os que se interessam e que reconhecem na distincta professora o seu valor, os que desejam comprar a tempo os bilhetes afim de terem bom lugar para a familia, e emfim o grande numero, os invejosos que não podem ver ninguem organizar festas com algum cunho de verdadeira arte. Todos perguntam quaes as operas cantadas e quando ouvem os nomes de *Carmen* e *Tosca* ou talvez *Mefistofels* abrem muito os olhos, e dos labios nasce um sorriso de duvida, e lá por dentro comem-se de inveja. Torna-se curioso analysa-los, almas fracas que não chegam a mais...

Com o concerto d'este anno, que foi o melhor que a illustre professora tem dado, imagino o que se terá passado por ahí, onde raros são aquelles que vêm com bons olhos os outros elevarem-se pelo talento.

Mas deixemo-los na paz do desprezo e fallamos da festa.

Foi no *Salão da Trindade* em a noite de 6. Enchente completa, vistosas toilettes, e a melhor sociedade de Lisboa.

A 1.^a parte constou de peças de concerto, na qual tomaram parte M.^{elle} Paulina Roma Machado, com bonita voz, M.^{elle} Irene d'Almeida, amadora intelligente, M.^{elle} Luiza Machado, cada vez com mais progressos, M.^{elle} Casette Barreto, sempre graciosa, M.^{elle} Manuela Novarro d: Sampaio, já bem conhecida em o nosso meio artistico, M.^{elle} Magdalena Metelo Antunes, amadora intelligente e de voz bonita, M.^{elle} Amelia Cid de temperamento deveras artistico e *madame* Victoria Pereira bem conhecedora da arte de canto.

Eis o que foi a primeira parte, cheia de applausos e chamadas a *Madame Mantelli*.

A 2.^a parte foi o clou da festa.

Começou pela *Carmen*, com scenario e fatos magnificos.

O papel de *Carmen* foi desempenhado por M.^{elle} Bertha Guimarães. A forma

como esta distincta amadora comprehendeu o papel da protagonista, foi um trabalho que marcou e que ninguem poderá esquecer. Foi admiravel, como cantora e como actriz.

M.^{elle} Pires Marinho no papel de *Micaela* revelou se uma cantora de fina escola e de linda voz, recebeu na aria do 3.^o acto uma estrondosa ovação.

O tenor sr. Antonio José Pereira foi um *D. José* muito distincto como cantor, a romanza da flôr valeu-lhe muitos applausos.

No 3.^o acto tivemos entre *Carmen*, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Oreja da Silveira, que cantou a scena das cartas, como uma verdadeira artista!

Tanto os coros, como os pequenos papeis foram muito bem cantados.

Da *Tosca*, tivemos a romanza do tenor no 3.^o acto e o duetto com a *Tosca*. O tenor Alves da Silva foi applaudido bisando a aria, e D. Maria Canto uma *Tosca* de bonita voz e intuição artistica. Assim terminou o concerto no meio das maiores ovações.

Um sextetto composto de bons artistas acompanhou os cantores muito bem.

Todos sahiram satisfeitos e toda a critica foi unanime nos encomios aos cantores e á sua professora *Madame Mantelli*.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



MINIATURAS

Ainda uma vez no meu forçado exilio, a saudade, como uma voz amiga, fallame dôcemente do meu lar...

Lá se ficou na merencória paz duma aldeia perdida muito longe — uma casinha velha amparada aos braços das glicinias, as varandas cheias de cravos, de amôres-perfeitos e de violetas...

Lá se ficou naquella paz antiga, enamorado das lorangeiras, que devem ter a sua idade quasi...

Algumas já morrêram de velhinhas... tantas flôres e tantos fructos que ellas deram...

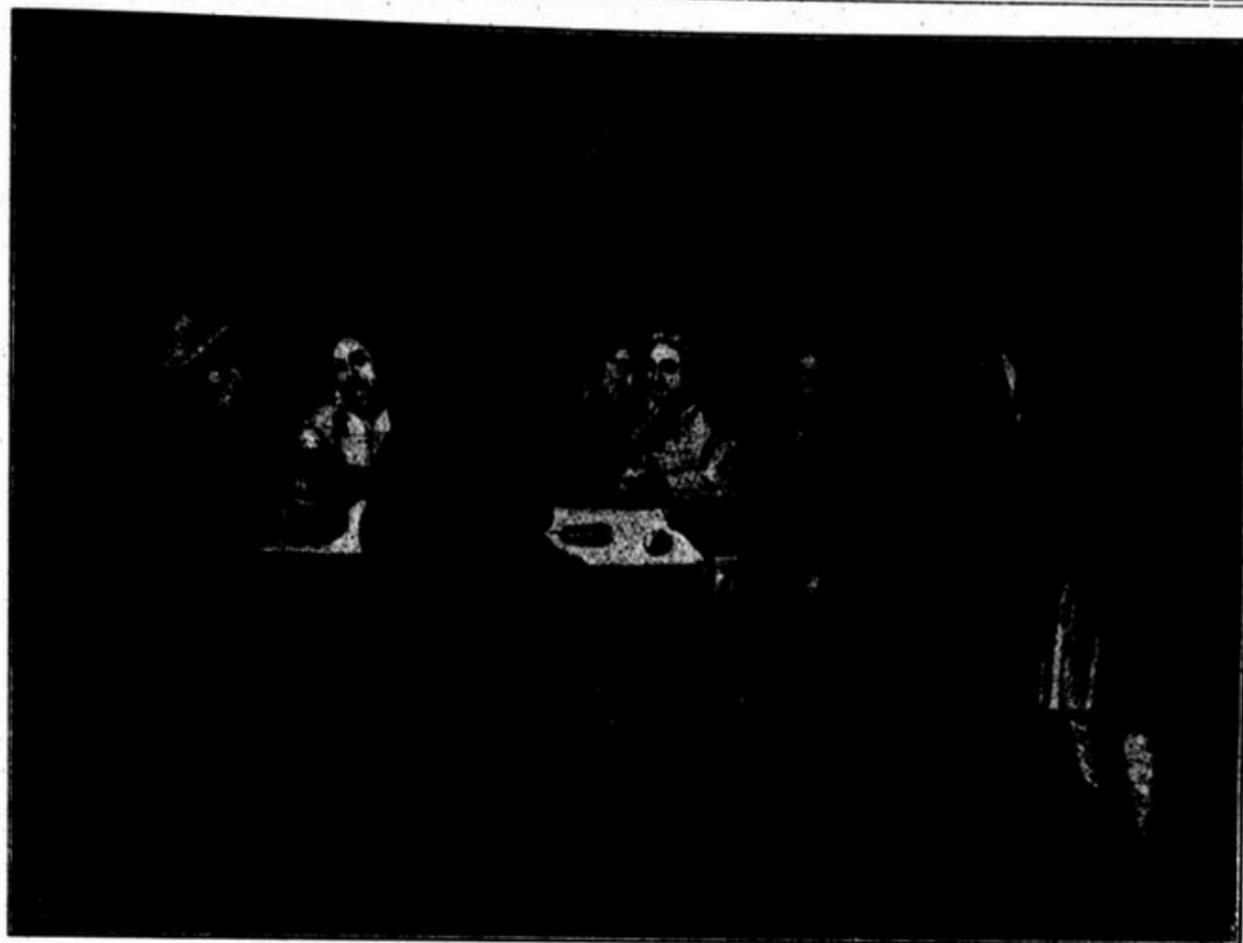
Lá se ficou... A dormecê lo não sei que indefinida tristesa o não larga... É talvez a sombra dum cypreste, muito negro e muito alto, erguido numa leira aqui ao lado—para nos lembrar... quem sabe? ... que a terra toda é um cemiterio immenso...

Lá se ficou... A' noitinha, como nas mais lareiras, povôa-se de brandas orações; e o fumo sobe ao alto, no azul esmaecido, como uma offerta de incenso feita a Nosso Senhor... Embalam-no os cantares dos passarinhos... lindas canções elles sabem... E assim dorme... assim dorme bem... Lá se ficou Pela *Avenida dos lyrios*, no meu jardim ao abandono, a saudade deixa-me vêr, a passeiar, um róseo pequenino... E lindo como os amôres. Tem os olhos negros, negros... duas amôras silvestres a cahir de maduras... Dir-se-hia pintado a fresco, de joelhos, á maneira duma apparição transparente e suave, pelo divino Mestre Fra Angelico...

Dôce *bambino*! Mesmo de longe estende para mim os teus bracinhos frageis e diz-me aquellas feiticieras, mysteriosas palavras, que ninguem entende—quando a rir conversas com as flôres...

MANUEL DA GRANJA

Heemskerk (Egbert Van), o Velho



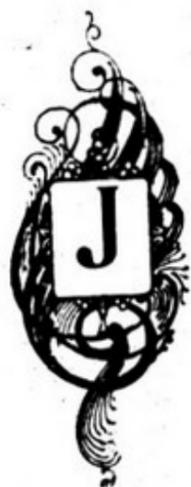
Nupcias de Aldeãos

(Colecção Moreira Freire)

ARAGÃO

«O heroico tenente Francisco d'Aragão, que se julgava ter morrido no combate de Naulila, encontra-se prisioneiro dos alemães».

(Dos jornaes)



*algúnos, valentissimo soldado,
Que a tua espada gloriosa e forte
Cúira do teu braço inanimado,
Por haveres caído com a morte.*

*Mas, para bem do teu país amado,
(Que ao menos esta ideia te conforte)
Vives ainda, triste aprisionado,
Por quem inveja o teu altivo porte.*

*Has-de voltar a Portugal, e a gente
Ha-de chorar numa alegria ardente,
Abrucando-te contra o coração.*

*E, enrolto no clarão de um rosiclér,
Enquanto vida um português tiver,
Ha-de viver o nome de Aragão.*

Lisboa-16-4-915.

ESPINOLA DE MENDONÇA.

ASPECTOS MILITARES DA Questão Iberica

(EXCERTO)

Eu, meus senhores, ao contrario de tantos que se declararam germanofilos, ou franco-filos, ou anglofilos eu teimo em ser simplesmente *lusofilo*. Eu não sei se o meu militarismo é a allemã, se é a chinesa. Só sei que é uma consequencia do axioma fundamental — *Nação* — e portanto deve ser util para ella. Se n'este ponto o meu lusofilismo se confunde com o germanofilismo de alguns ou se differencia do francofilismo de outros, não sei, nem quero saber. Do que eu me importo é de ser logico nas consequencias a tirar. Applico o methodo deductivo das mathematicas. Se do integrel — *Nação* — eu derivar com logica, as consequencias não podem estar em desacordo com ella.

E' obvio.

De tudo podem arguir o Nacionalismo. De tudo. Menos de falta de logica. Pegamos nos nossos principios e levamos-os até ao fim. Nem sequer nos demoramos a pensar se os finais são bons. Porque o são fatalmente desde que partimos de axioma — *Nação* — e desde que tudo o que é util para a nação é *ipso facto* bom, é justo, é verdade.

Não assim os democraticos. Prégam uma doutrina e fogem-lhe ás consequencias. Uns não. São os anarchistas puros; esses sim, também são logicos. Mas os mais vão parando a diferentes alturas, conforme os tempos lhe são ou não propicios. E assim os vemos, esses saltimbancos da philosophia politica, ora pré-gando a Federação Universal (e aqui vemos como os congressistas de Badajoz pré-gando a Federação Iberica sob a forma republicana estavam na verdade dentro da doutrina democratica), que ha-de vir com o augmento do Cosmopolitismo, e a abolição das patrias, ora monopolizando com um desplante formidavel o amor da Patria, o culto nacional; ora fallando do exercito como de um instrumento de despotismo e de reacção, ora espalhando aos quatro ventos nas lojas e nas ruas que só elles é que sabem organizar o exercito e levar a bom caminho a Defeza Nacional.

O que será a Defeza Nacional para estes saltimbancos, se para elles o Ideal-Patria — não passa de uma convenção provisoria enquanto não vem a Federação Universal? Que valor terá perante a doutrina democratica a acção de um soldado que morre por esse Ideal-provisorio, que elles se forem logicos incluirão na sua lista das mentiras sociaes?

— Porque sou *nacionalista*, sou pois *militarista*. Vejo na militarisação da sociedade muitas vantagens nacionaes. Só o facto de durante tres anos por ex. (é hoje o tempo de serviço em França) to-



TENENTE VASCO DE CARVALHO

Este distincto official realisou, dia 14 do mês passado, no salão nobre da Liga Naval, uma notavel conferencia subordinada ao titulo geral — *Aspectos Militares da Questão Iberica*. Foi a terceira da serie de conferencias promovidas pelo grupo dos Integralistes Lusitanos. A numerosissima assistencia aplaudiu-o veementemente — e aplaudiu-o com justiça. Sua ex.^a revelou aspectos novos da Questão Iberica — e revelou-os com dignidade e intelligencia. Cumpre-nos agora agradecer ao illustre conferente, nosso amigo, sr. Tenente Vasco de Carvalho, a deferencia de que soube usar connosco, permitiindo-nos a publicação dum longo excerto do seu brilhante discurso.

do o cidadão viver intensamente a vida militar, só este facto poria desde logo um pouco de ordem, de methodo, de disciplina em todas as engrenagens sociaes. Desde logo a auctoridade civil aprenderia a **saber mandar**, o cidadão a **saber obedecer**. E então já todos nós reparariamos, por exemplo, n'aquella placa de ferro, pregada n'um candieiro lá ao fundo do Chiado, que não sei ha quanto tempo manda em vão — *seguir pela esquerda!!*... Desde logo cada um iria ocupar o seu posto, especializando-se na sua profissão, o que traria como consequencia maior produção á economia nacional resultante de uma maior divisão do trabalho. E então já, por exemplo, os pharmaceuticos trariam de inventar mais tisanas em vez de fazer politica ou exercer-se em pirotecnicia, fabricando bombas!...

Agora se vê bem como a solução nacionalista da questão militar attende, como ha pouco disse, de um só golpe egual nente a certos aspectos da questão social e da questão politica.

E porque sou *militarista* eu defendo a applicação integra dos principios genuinos da *Nação Armada*.

Mas, alto! Tomemos cuidado. Ha duas concepções de *Nação Armada* diametralmente oppostas: — a nacionalista e a democratica. Esta phrase tão debatida — *Nação Armada* veiu da Allemanha, tendo sido pela vez primeira pronunciada pelo rei da Prussia no discurso do throno de 12 de janeiro de 1860, quando disse: — «o exercito prussiano será no futuro a nação prussiana em armas».

A Democracia a cujo oportunismo era impossivel em certas occasões pré-gar ás claras a abolição do Exercito, procurou uma formula para o *desorganizar*, tendo contudo a apparencia de o *organizar*. Procurou e... arranjou. E apropriando-se indevidamente da genial concepção allemã inventou a *Organização Miliciana* — especie, plagio da *Nação armada*, caricatura da original, em que todos os cidadãos são soldados... em casa. E' aliás, justiça seja feita, uma excellente organização... mas para tempo de paz. Com efeito. A *Organização Miliciana* tem, pelo menos, dois defeitos:

1.^o — Não se adapta ás características das guerras modernas. Confiando tudo das qualidades individuaes do soldado da sua actividade singular, esquece e despreza o poderoso factor que é a organização, a disciplina, como base da educação militar do espirito do soldado. Seria boa quando muito para as guerras da Idade Média que são a expressão mais genuina e brilhante do individualismo. N'essas guerras, sim, o resultado das batalhas era o somatorio dos combates singulares. Hoje não.

Sendo uma concepção democratica, não era de extranhar que n'ella predominasse o *individualismo*, caracteristico da Democracia.

2.^o — Faz basear a sciencia militar no *espirito defensivo*. Quer o digam, quer não, este espirito é o que resalta da organização miliciana. Falseia, portanto, toda a educação militar que hoje se fundamenta no culto da *Offensiva*. E isto também não admirará ninguém, se attendermos a que a *Defensiva* é uma ideia democratica; a Democracia, aspirando á Federação da Humanidade, negando realidade ás Patrias, começa *ipso facto* por negar á — *Nação* o attributo aggressividade que é inherente á sua existencia, indispensavel ao seu desenvolvimento.

Como o Romantismo falseou a litteratura, o Liberalismo, seu irmão-gemeo, transtornou por completo as classicas noções de philosophia politica. Ha palavras que na bocca dos liberaes tem um sentido completamente diverso d'aquelle que tinham d'antes e que nós lhe damos. E assim succede que, por mais que queiram, elles não nos podem entender. Começa porque o seu dictionario é differente do nosso. Surprehendem-se com as nossas affirmacões, porque não comprehendem a nossa tecnica linguistica. Tinham que fazer uma revisão do dictionario e recomeçar a educação do seu espirito.

Assim, o sentido da expressão: — *Defesa Nacional* — anda perfeitamente avariado. Dá-nos ideia de um esgrimista em guarda, sempre prompto a parar o golpe do adversario e... mais nada! E elle não é só isso. A *Defesa Nacional* include também a *Offensiva Nacional*. A

defeza de um povo está em levar ao máximo as suas qualidades aggressivas e muitas vezes até em agredir de facto os outros.

O signal certo da decadencia de uma nação é a diminuição das suas qualidades aggressivas. E' por isso logico que a Democracia aspirando á suppressão da — Nação —, adopte uma organização militar genuinamente defensiva.

Não venham, meus senhores, fallar me de *defensiva strategica e offensiva tactica*. Conheço esses termos; sei que ás vezes uma ou outra situação defensiva é imposta pelas circunstancias. Mas o mal não reside ahí. O mal está em que, pré-gando em todos os tons como doutrina politico-militar a theoria da *Defensiva Nacional*, maldizendo e apontando á execração publica as nações que, exuberantes de vitalidade, anceando por se expandir, agridem, a aggressividade da Nação vae diminuindo, até ao ponto de desaparecer em todas as manifestações do organismo nacional. O mal está em que o espirito defensivo invade os diplomatas como os militares, formando a base da sua educação, péssima educação, porque sendo theoricamente o resultado de uma doutrina philosophica vae praticamente traduzir-se no medo dos outros e na pouca confiança em si proprios: — *resultados* —: para os primeiros a diplomacia reduz-se á situação secundaria de parar os golpes das diplomacias aggressivas; para os segundos, é sabido «que a ideia perconcebida da defensiva strategica arrasta consigo a defensiva tactica, que é o peor signal de decadencia de um povo.» (1)

— Se todas as Nações tomassem a attitudede de pura defensiva, isto é, se todas desarmassem!

Miragem bem democratica esta! Já vimos que o homem nasceu essencialmente aggressivo. D'esta qualidade nasceu a concentração familiar, o agrupamento de individuos que, tendo identicos interesses e eguaes necessidades, viram na sua união um factor de força. A aggressão entre as familias originou por allianças os primeiros grupos sociaes. Da guerra entre esses grupos de interesses oppostos resultou o altruismo, o *patriotismo* do grupo, o alargamento dos grupos, — a Nação — afinal. A base das Nações foi, pois, a guerra aggressiva. E' um bem, é um mal, que importa? Para quê discutir? E' um phenomeno social, como um terramoto é um phenomeno physico. Existe, existirá sempre, porque sempre existirão nações de interesses diversos. A boa logica manda, pois, prepararmo-nos para ella.

— Se todos desarmassem! Oh a grande ironia do Acaso! Sabem V. Ex.^{as} quem foi o primeiro apostolo do desarmamento? Pois foi... o consul Bonaparte, que no inverno de 1800 a 1801 propunha um projecto de desarmamento á Prussia e á Austria. Anos depois o consul pacifico transformava-se no imperador guerreiro.

Lembram se do segundo apostolo? foi o tzar Nicolau. Tempos depois rebentava a guerra russo-japoneza, resultante do choque dos dois imperialismos — russo e nipponico. Escusado será dizer que não voltou a pensar no assumpto,

RAUL ESTEVES — A Fortificação no plano de defeza do paiz.

preferindo preparar se para a guerra de hoje. Estamos vendo, meus senhores, como os principios democraticos são absolutamente antagonicos com os principios militares.

Democracia, exercito. Mas é um verdadeiro paradoxo juntar estas duas palavras. Sae um amalgama, não resulta uma liga.

O Exercito é a menos democratica das instituições.

A Democracia baseia-se na Humanidade. O Exercito fundamenta-se na — Nação — A Democracia nega as tradições. O Exercito require-as. A Democracia é o reinado das maiorias, é a negação das élites. O Exercito é incompativel com o principio da eleição, tem a a affirmação de uma élite no corpo de officiaes.

A Democracia aspira á paz universal, á suppressão da Patria, o Exercito fez-se para a guerra, baseia se no patriotismo.

Na Democracia a hierarchia organiza-se de baixo para cima, no Exercito de cima para baixo. Os altos postos são ou devem ser providos por escolha. Já é uma concessão aos principios democraticos o facto absurdo da antiguidade ser a base das promoções.

E assim por deante. De maneira que quem queira desorganizar o exercito começa por democratiza-lo E' fatal. O espirito de tradição, o espirito de classe desaparece do corpo de officiaes, que são a sua guarda. O individualismo, a desagregação entra, a corporação fica em nome só. A disciplina, a organização é impossivel mesmo com algumas injeções de um patriotismo artificial. — Os resultados veem-se depois em tempo de guerra, isto é, quando já é tarde para remediar o mal.

— Mas a Suissa, dir-me-hão! A Suissa, sim, é um grande exemplo... para servir de excepção. Em tudo é excepcional aquelle paiz, tão excepcional que, sendo habitado por francezes, italianos e allemães, oferece uma exemplificação unica no Mundo do dogma catholico da Trindade, fazendo de trez povos distinctos um só verdadeiro...

— O problema militar deve, pois, ser resolvido pela — Nação armada — concepção nacionalista. Resolveram-o assim a Bulgaria, a Servia e a Grecia de condições sociaes e economicas equivalentes ás nossas. Attingiu a expressão mais sublime na Allemanha. Os resultados estão a vista lá e cá egualmente.

— E' triste, meus senhores, que se faça do exercito, d'esse organismo delicado um laboratorio de experiencias philosophicas. A guerra é uma coisa muito séria, a sua preparação requer tempo, continuidade, unidade de orientação, não se compadece com experiencias que lhe vão mexer nos fundamentos.

— Meus senhores, não se julgue que, eu falando contra a Democracia, attribuo aos governantes de hoje as responsabilidades da triplice crise nacional. Elles não teem culpa. Foram envenenados, como nós fomos; simplesmente elles não reagiram como nós, não applicaram ao veneno do Liberalismo o contra-veneno do Nacionalismo. *Eu accuso*, meus senhores! Como cidadão portuguez, que sofre as consequencias de passados erros, eu tenho o direito de accusar. Accuso os apostolos do Liberalismo, a *Monarchia Liberal!*

Foram os politicos com os seus *liberalismos*, os escriptores com os seus *romantismos*, os philosophos com os seus *revolucionarismos* importados, que fizeram de Portugal um *paiz estrangeiro*, que rasgaram as nossas tradições, que calcaram as nossas liberdades foraes, que annullaram o nosso municipio e prepararam o cahos de hoje.

Accuso a Maçonaria, o verdadeiro *estrangeiro do interior*, de ter desnacionalizado o paiz. Veiu-nos de França. Trouxe-nos as ideias francezas de então, recebeu os francezes como salvadores, adiantando-se até Sacavem saudar Junot.

E accuso tambem, meus senhores, os jesuitas. Quero ser justo. Accuso-os de terem criado embaraços á obra do Marquez de Pombal. E defendo o Marquez; porque o Marquez era um *imperialista*. Levante-se-lhe, sim, uma estatua n'esta capital. Merece-a, porque fez obra *nacionalista*, porque criou um exercito e fortaleceu a nacionalidade, porque contra a vinda da avariose revolucionaria, elle restabeleceu a Inquisição. Levante-se-lhe a estatua, mas que não esqueça no lugar d'aquella ridicula inscripção — *delenda reactio* — um medalhão com o intendente Pina Manique!...

Mas... agora reparo! a mim ensinaram-me a historia ao contrario! Eu tinha Pombal por um democrata, quasi um franc-maçã e vejo-o imperialista e restabelece a Inquisição. Ensinaram-me a adorar em Gomes Freire um martyr e... (como aqui afirmou já um distincto conferente) sae-me um traidor. Fernandes Thomaz um apostolo... tratando com a Hespanha a União Iberica. Rodrigues Sampaio um patriota... sobrepondo o interesse da Humanidade ao da Patria. Herculano Latino, Coelho, Oliveira Martins philosophos do Liberalismo... considerados pelos hespanhoes precusores do Iberismo...

Mas, é preciso revêr tambem os nossos compendios de Historia, como o nosso dictionario!... reformar toda a nossa mentalidade!... E' preciso curarmo-nos da *avariose liberal*, para que nossos filhos venham sãos!...

E depois... feito isto, teremos com o *Nacionalismo integral* levado ao máximo o culto da Nação e estará assim de uma vez para sempre resolvido o problema Iberico. Perante um Portugal *forte* não mais pensará a Hespanha em absorpção. E então, para não sermos *inimigos a sério* podemos e convem-nos ser... *amigos a valer!*...

VASCO DE CARVALHO



PELO MUNDO FÓRA

A guerra prosegue com violencia inaudita nos *Carpathos*, nos *Dardanellos* e na *Flandres*, ninguem podendo prevêr o termo de tantos horrores. Affirma-se com insistencia que a Italia vae decididamente entrar no conflicto, tendo naufragado as suas negociações longas e complicadas com a Austria e a Allemanha.

Sobre o caminho a seguir pela Italia, facil é ajuizar, lendo estas palavras ha pouco proferidas pelo rei Victor Manoel: «Jámais acompanharei os clericos aus-



FAÇANHA D 2.º REGIMENTO DE LINCOLNSIRE — ENTRE A PRIMEIRA E SEGUNDA LINHA DE FRINCHEINAG — DEANTE DE NEUVE CHAPELLE
A MORTE DO TENENTE-CORONEL MC. ANDREW

triacos ou os fardalistas allemães ! Estou já preparado para ocupar o logar que me deixou meu avô e meu pae!»

A Italia foi surpreendida pela guerra actual, quando o seu exercito não estava ainda refeitos das campanhas da Lybia. Declarou a sua neutralidade, desligando-se dos tratados de alliança com a Triplice e occupando-se febrilmente da preparação militar para a primeira oportunidade.

Entretanto a Allemanha enviava a Roma o *principe de Bulow*, habil diplomata, que trabalharia para que a Italia mantivesse até ao fim da guerra absoluta neutralidade. Contava-se não só com o seu fino tacto diplomatico, mas tambem com a sympathia inspirada aos italianos pela esposa do principe, que é filha do notavel estadista *Marco Minghetti*. A favor de Bulow se manifestára tambem o antigo presidente do conselho *Giolitti*, a quem se attribue a responsabilidade de ter deixado o paiz no estado deploravel de preparação militar em que se encontrava ao estoirar o actual conflicto. O *Marquez de San Guiliano* conjurou o perigo, entrando em negociações directas com a Allemanha que,

vendo na declaração da neutralidade da Italia uma prova de hostilidade, pensára simplesmente invadir o territorio italiano pelo norte, occupando a *Lombardia*, com Milão, e a *Venezia* com Veneza, antes, mesmo de levar a cabo as suas operações contra a França.

San Guiliano soube convencer a Allemanha de que a neutralidade da Italia era necessaria para o proseguimento dos seus preparativos militares. E assim foi ganhando tempo.

A Allemanha, mallograda a sua offensiva temivel contra a França, não pensou mais no ataque a Italia. Recorreu á diplomacia, enviando a Roma o seu diplomata mais habil, o principe de Bulow. o *embaixador 420*, como lhe chama a imprensa allemã.

Nas negociações entrou tambem o embaixador da Italia em Vienna, o duque de Avama.

A Italia, aproveitando a *remodelação da carta da Europa, que será a consequencia fatal da presente conflagração*, reclama as suas fronteiras naturaes no Oriente com a cedencia do *Trentino*, que penetra como uma ponta no seu territorio, e cujas elevações, estando nas mãos da Austria, constituem uma perpetua ameaça de invasão por parte d'essa potencia. Reclama tambem *Trieste* e a *Istria*, territorios habitados por povos de lingua italiana e a posse de *Vallona*, o *Gibraltar do Adriatico*.

A Austria estava prestes a ceder uma parte do Trentino e a rectificar as fronteiras do lado do Isongo, mas recusou toda a discussão, respeitante a Trieste e a Istria. Da mesma opinião era tambem a Allemanha, que vê em Trieste o porto principal do Adriatico e, por conseguinte, uma porta aberta para o Mediterraneo.

«Trieste não é um porto austriaco; Trieste é um pulmão da Allemanha» — afirmou o principe de Bulow.

Os planos d'este diplomata fallharam. A sua



EXPOSIÇÃO DE GRANADAS ALEMÃS NO CAMPO DE BATALHA

EUROPEIA

missão está finda. Por fim assistiu á demissão dos prefeitos da provincia, todos favoraveis ao antigo presidente Giolitti.

O Papa segundo «La Stampa», declarou ha dias que parece inevitavel a participação da Italia no conflito, facto que o penaliza, porque d'esta forma toda a christandade da Europa se vae encontrar em guerra.



BANDA DE UM REGIMENTO ESCOCÊS

Em Genova realizaram-se estrondosas festas patrioticas, que tiveram repercussão em Florença, Livorno, Napoles, Messina, Bari, Palermo, e outras cidades, havendo em toda a parte ardentes manifestações ultraunionistas. O objectivo da comemoração foi a inauguração aos «Mil Garibaldinos», em Quarto. Foi muito discutida a projectada ida do rei Victor Manoel á inauguração. O monarcha não compareceu, mas enviou ao «maire» de Genova este telegramma:

«Embora os negocios do Estado tivessem contrariado o meu desejo de assistir á cerimonia de hoje, o meu pensamento não se afasta do historico recife de Quarto, d'essa fatidica praia liguriana que viu nascer o que primeiro prophetisou a unidade da patria e que viu o commandante dos Mil levantar a ancora, com immortal ou sadia, para immortaes successos.

Envio as minhas commovidas saudações, e, com o mesmo ardor de sentimentos que guiou o meu heroico avô, nesta consagração das nossas recordações, sinto fortalecer-se a minha fé no futuro glorioso destinado á Italia».

Gabriel d'Annunzio, discursou naquella comemoração.

A proposito de monumentos deve registrar-se que a França acaba de erigir um, que é o primeiro commemorativo dos soldados mortos na actual campanha. Foi erecto na estrada entre Meadox e Boray. E' um pyramide truncado, onde se lê esta inscripção:

«A' memoria dos Soldados do exercito de Paris, mortos pela patria no campo de batalha de Ourcq. — Setembro de 1914.»

A França perdeu agora um dos seus vasos de guerra — O «Leon Gambetta», victima d'um submarino austriaco.

Em 25 de Dezembro foi torpedeado no Canal de Otrante o «dreaduvoght» francês «Jean Back», que apenas soffreu avarias».

O «Leon Gambette» porém foi completamente perdido. Era o primeiro d'uma serie de quatro unidades: «Jules Ferry», «Victor Hugo» e «Michelet».

a perda d'aquelle cruzador representa uma enorme perda para a França, cuja armada não conta grande numero de unidades de marcha rapida. Além d'isso ha a contar o grande numero de vidas que se perderam, pois que da guarnição de 710 homens se salvaram apenas 136!

O drama teve por theatro o canal de Otrante, essa estreita garganta atravez da qual communica o Adriatico com o Mediterraneo. E' um ponto admiravel para a acção dos submarinos. A pouca distancia está a base avançada da marinha austriaca, em Cattaro. A marinha austriaca possui seis submarinos de grande raio de acção e outros tantos submarinos pequenos, de 230 tonelladas.

O «Leon Gambetta» foi atingido a 15 milhas do pharol de Santa Maria de Luca, afundando-se em vinte minutos.

Os jornaes de Roma dizem que o submarino austriaco que metteu a pique o «Leon Gambetta» foi construido no estaleiro do industrial britannico Sr. Whitehead, armador de navios de guerra no porto de Pala, e que o commandante d'aquelle submarino, barão de Frapp, está unido pelo matrimonio a uma filha d'aquelle importante constructor inglês?

Para compensar um tanto a perda d'aquelle unidade, a França acaba de lançar ao mar em Boreus o «dreadnonght» «Languedac». Má estrella o guiou ao sahir do estaleiro, pois, indo com muita velocidade, foi encalhar na margem opposta, fazendo quatro victimas!



TROPAS RUSSAS AVANÇANDO CONTRA O INIMIGO, DESCOBRINDO-SE AO PASSAREM ANTE UM CRUZEIRO

Nos Dardanellos tem sido avariadas muitas uni-

dades francêsas e inglezas. No entanto as tropas aliadas continuam os desembarques, avançando contra os turcos.

Em Ipres os allemães surprehenderam os aliados com gazes asphixiantes, em que se reconheceram vapores de chloro, formol e enxofre, contra as convenções da Haya, causando sensíveis effeitos nas tropas, algumas das quaes sucumbiram, com terriveis bronchites.

Multiplicam-se os processos de destruição; aggravam-se as despezas publicas; O vulcão crepita estrondosamente.

A Inglaterra gasta por dia com a guerra 2.100.000 libras, isto é, tanto como o nosso orçamento da guerra para um anno.

Em 17 de Março ultimo falleceu em Charlsttenburgo (Allemanha) o dr. Johannes Jungfer, professor do Gymnasio de Frederiw de Berlim.

O seu fallecimento produziu grande pesar na nossa Academia de Sciencias de Lisboa, que tinha em alto apreço a vastissima obra do grande sabio allemão. O erudito socio sr. Pedro de Azevedo, que mantinha activa correspondencia com o dr. Jungfer, prestou-lhe rasgada homenagem em sessão de 22 de Abril dizendo que aquelle erudito allemão se occupava de assumptos que interessam a Portugal e que por isso o seu nome deve ser lembrado e conhecido d'aquelles que se occupam da *toponymia nacional*, ramo que o fallecido cultivava.

A proposito, disse o sr P. de Azevedo que as relações de Portugal com os paí-

ses que formam o moderno imperio allemão datam principalmente dos seculos XV e XVI. Durante este seculo foi extraordinario o numero de bombardeiros allemães ao serviço de Portugal, e a elle devem o bom resultado das nossas luctas indianas pela superioridade manifesta da artilharia que elles dirigiam. Faltou-nos este valioso elemento quando nos defrontamos com os hollandezes e inglezes, perante os quaes tivemos de arrear bandeiras na Asia, porque a nossa artilharia tinha deixado de ser manejada pelos allemães, a quem a reforma religiosa impedia o accesso a Portugal. Durante os seculos citados os homens de sciencia allemães e os capitalistas não deixaram de se occupar de Portugal, com vantagem para os dois países.

No seculo XIX restabeleceram-se essas relações, tornando-se indispensavel a Portugal o conhecimento da litteratura allemã n'algumas das suas especialidades.

A nossa Academia mandou verter para portuguez publicações de Hubner e Storck, e conta como socio o grande Schuchardt.

O dr. Jungfer, levado pelas ideias pangermanistas estudou os nomes de povoações portuguezas e espanholas de origem germanica, que em numero consideravel se encontram no norte da peninsula. Como tinha á sua disposição os grandiosos elementos d'estudo que fornecem as bibliothecas allemãs, os seus trabalhos são de grande merecimento, posto que por vezes provém a derivação germanica de nome de origem diversa. As publicações do dr. Jungfer que particularmente interessam, são: «Sobre nomes de pessoas nos nomes de lugares de Espanha e de Portugal», 1902; «Re-

cuerdos de España (em espanhol), 1907; «Germanico de España», 1908; «Magerrit-Madrid», 1908.—Tinha entre mãos um trabalho sobre nomastico, que não ficou concluido.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



LIVROS NOVOS

Expedições e Armadas nos anos de 1488 e 1489 — por A. Braancamp Freire.

Livraria Ferlin — 1915

Acabamos de folhear detidamente este precioso livro, sob todos os aspectos, interessantissimo—e sollicitos permitir-nos iamos recomendar-o, se o nome illustre do seu autôr não bastasse para impô-lo á consideração e atenção dos nossos leitôres. E' que, na verdade, o nome de Braancamp Freire garante sempre, absolutamente, seriedade de intuitos, sisudês de critica e correcção impeccavel de processos...

Na época dolorosa que a nossa nacionalidade atravessa, é-nos lenitivo a meditação d'esta obra que evoca um momento, sem duvida, mais prospero—mais!—da historia portugueza. Falamos das armadas que enviámos por um mar de aventura á costa de Africa nos anos de 1488 e 1489 e, como nos diz o autôr, existe, infelizmente, agora, actualidade na recordação destas expedições remotissimas.

«Hoje encontramos-nos em Africa em luta com um inimigo, talvez mais forte, e certamente mais pérfido do que a chusma moirisca. No seculo XV atacá-



CURSO JURIDICO DE 1885 REUNIDO EM COIMBRA, NOS DIAS 2 E 3 DO CORRENTE

Da esquerda para a direita: sentados Drs. FIGUEIREDO GUIMARÃES, advogado e notario na Certã; VICENTE LUIZ GOMES, juiz das execuções fiscaes em Lisboa; TOSCANO SOARES BARBOSA, contador da comarca de Villa da Feira; JOSÉ MARIA D'ALMEIDA, proprietario em Coimbra; BALTHAZAR DE FREITAS BRITO, advogado e proprietario em Benavente. — De pé, no 1.º plano: Drs. ALFREDO DA CUNHA, director do *Diario de Noticias*; D. MANUEL COELHO DA SILVA, Bispo-Conde de Coimbra; MANUEL GOMES PALMA, advogado e proprietario em Beja; ANTONIO PATRICIO CORREIA GOMES, proprietario em Coruche. — No 2.º plano: Drs. ARTHUR D'ALMEIDA RIBEIRO, juiz da Relação de Lisboa e antigo ministro das colonias; ANTONIO VIANNA DE LEMOS, director da Companhia do Papel do Prado; MANUEL DA SILVA GAYO, secretario da Universidade de Coimbra; JOSÉ REBELLO BARBOSA, proprietario; FRANCISCO MESQUITA, advogado em Conjeixa. — No 3.º plano: Drs. SOLANO D'ABREU, escriptor e proprietario em abrantes; JOSÉ DE SOUSA MACHADO, notario em Braga; AGOSTINHO D'ALMEIDA REGO, advogado no Porto; CARDOSO PIMENTEL, advogado em Pombal.

(Cliché do sr. Tinoco)

vamos e invadiamos o alheio e fomos vencidos; no seculo XX defendemos o nosso e com o auxilio de Deus, seremos vencedores.»

Sim. No seculo XV atacavamos, invadiamos o alheio e fomos vencidos. To davia a breve trecho, refizemo-nos de forças, reduzimos obstaculos, recobramos energias novas e avançamos sempre até conquistar o prestigio supremo do mundo.

Hoje, seculo XX, defendemos o nosso territorio e, com o auxilio de Deus, seremos vencedores.

Sim. Não ousamos duvidar. Mas ate que ponto quererá Deus conceder-nos o auxilio da sua graça misericordiosa?...

Assim, pois, a esta hora, o nosso destino é um misterioso ponto de interrogação.

Por isso, é consoladôra a leitura do livro, de que é autôr o sr. Anselmo Braamcamp Freire — livro onde palpita intensamente uma vida que já não é a nossa, cheio de evocações de tempos idos, tempos melhores que não voltarão jamais. Todas as afirmações feitas pelo douto investigador são adeante comprovadas com documentos autenticos que jaziam abandonados e desprezados num recanto da Torre do Tombo. O sr. Anselmo Braamcamp Freire ali foi rebuscal-os e concatenou-os e coordenou-os de tal modo que a sua interpretação esclarece em muito a historia da nossa marinha do seculo XV e põe em relevo a actividade tenaz e indefessa dos nossos maiores. A ambição levou-nos em desvairo — é certo. Avassalou-nos malignamente a febre oriental, a ancia calida dos ganhos dessorou-nos e preparou nos para a decadencia maior. Os nossos campos foram votados a uma solidão esteril. A nossa loucura comprava trajes de gala para entrar, em breve, num noviciado de servidão. Comtudo, eramos grandes, muito grandes nesse tempo. Se decaimos — obedecemos a uma lei inevitavel de historia.

O nosso corpo era demasiado debil para sustentar uma ambição tamanha. Mas a historia dessa ambição é ainda hoje todo o nosso orgulho e toda a nossa gloria.

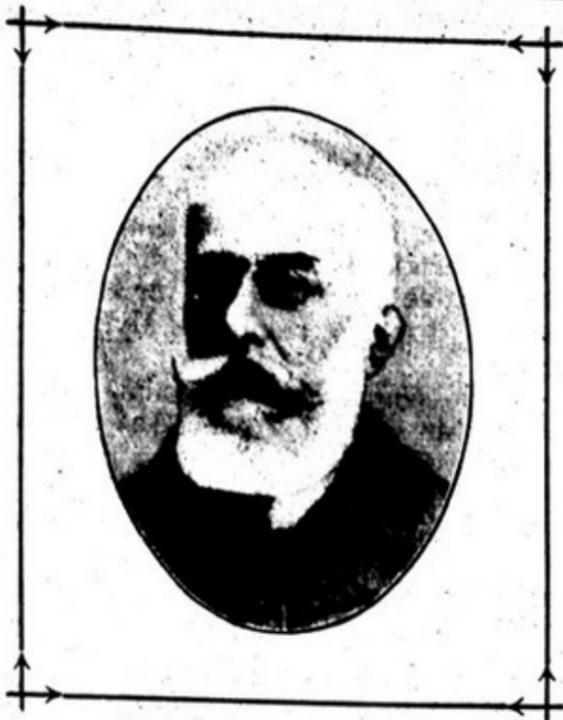
Bemdito quem nol-a faz recordar... Bem haja, pois, sr. Braamcamp Freire!



Armada da ida e passagem de D. João Bemoim

Temos a honra de transcrever uma das mais interessantes paginas do livro recém-publicado EXPEDIÇÕES e ARMADAS do sr. Braamcamp Freire. É um mimo literario que oferece aos nossos leitores e, simultaneamente documentadas as afirmações justissimas de critica que nos permitimos fazer a proposito da publicação d'uma obra tão notavel.

Em 1488, estando D. João II em Setubal, chegou a Lisboa Bemoim, principe negro do paiz dos Jalofos, em Africa, d'onde vinha procurar auxilio no Rei de Portugal contra os revoltosos, que o haviam expulsado do governo por elle exercido no reino de seu assas-



ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE

sinado irmão (1). Trazia consigo bastante comitiva composta de parentes e subditos seus, com os quais se embarcára num navio, que do castelo de Arguim regressava ao reino. A sua aportada a Lisboa havia de ter sido posterior a 29 de Agosto, porque ainda nesse dia assistia D. João II na Capital (2).

Mandou el Rei aposentar Bemoim no castelo de Palmela, onde a elle e aos seus forneceu de todo o necessário, afim de convenientemente poderem fazer a sua entrada solene na côrte.

Aprazado o dia para a recepção do Principe negro, veio elle com a sua comitiva a Setúbal, todos montados em cavalos e mulas, que el Rei lhes preparára. A's portas da vila esperava a cavalgada o Conde de Marialva, acompanhado de muitos fidalgos, e conduziu Bemoim direito ás casas da Alfândega, onde D. João II poisava. Estavam ellas ricamente armadas com panos de sêda e rás, e numa das câmaras via-se levantado do chão um estrado rial, onde, debaixo do docel de brocado, el Rei, acompanhado do Duque de Beja, dos titulos, prelados e fidalgos da côrte, aguardava a chegada do hóspede.

«Era Bemoim homem que parecia de quarenta anos, de grande corpo, muito negro, barba muito comprida, e dos membros todos mui proporcionado, com mui graciosa presença.»

Recebeu-o D. João II, prodigalizando-lhe mostras de cortesia, que nos pareceriam decerto exageradas para um negro, infiel e meio selvagem, se não atendessemos ao empenho posto por el Rei na prosequção da empresa dos descobrimentos e tratos ultramarinos, para a qual inuito convinha ter aliados na costa africana, esperando da sua amizade alcanbar territorio e paz, condições indispensáveis para fundamento e estabelecimento de fortalezas e feitorias.

O paiz dos Jalofos, d'onde Bemoim viera, estava situado na terra de Barbaria, entre os rios Sanagá (Senegal) e Gâmbia, o primeiro dos quais era então havido por um braço do Nilo. Ao norte daquela região possuíamos na costa a

(1) PINA, *Crónica*, cap. 37; BARROS, *Asia*, década I.º, liv. 3.º, cap. 6.º e seg.

(2) Rúbrica do caderno de registos, que começa a fl. 25 do liv. 14.º d' *Chancelaria de D. João II*.

fortaleza de Arguim, e lá muito para o sul a de S. Jorge da Mina; era portanto de grande vantagem para o desenvolvimento do trato do oiro, marfim, escravos e mais comércio da costa africana, levantar entre as duas uma terceira fortaleza. Acrescia a estas considerações a de Bemoim ter sempre mantido ótimas relações com os capitães portugueses, que a sua terra aportavam e com elle negociavam. Deste conjunto de circunstâncias proveio a cortesia com o negro usada, e a resolução, posteriormente ao seu baptismo tomada, de o auxiliar.

Em pé, encostado ao trono, esteve D. João II ouvindo o africano. Expôs elle as suas razões numa demorada fala, na qual, segundo Rui de Pina, «meteu palavras e sentenças tão notáveis, que não pareciam de negro bárbaro, mas de principe grego criado em Atenas!». E' pena não sabermos o nome do intérprete, que pôs na bôca de Bemoim a oração pelo próprio D. João II provavelmente ordenada, para actuar no animo dos cortesãos presentes, levando-os a tomar muito a sério, como a el Rei para os seus projectos convinha, a pessoa do prêto e as vantagens da sua aliança.

Despedido Bemoim, depois de ouvir a resposta de D. João II, foi conduzido ás casas da Rainha, que eram juntas com as da Alfândega, e nelas encontrou D. Leonor que o esperava acompanhada do Principe e das suas damas e criados.

Nos dias seguintes repetiram-se os colóquios, e, mostrando Bemoim desejos de se converter á nossa fé, recebeu a instrução necessária, e foi finalmente baptizado a 3 de Novembro, servindo-lhe de padrinhos os régios consortes, e impondo-se-lhe o nome de João.

Dias depois, a 7, foi D. João Bemoim armado cavaleiro, dando-lhe el Rei por armas, em campo de vermelho uma cruz de oiro, com uma bordadura de prata carregada dos escudetes das quinas do reino (3).

Aceitando o baptismo, tinha Bemoim removido o único obstáculo que se oppunha ao auxilio solicitado de D. João II, que não podia aliar-se com um principe infiel. Ajustou-se então o tratado, em virtude do qual recebia el Rei, em troca do socorro outorgado, a concessão do territorio necessário para na bôca do rio Sanagá levantar uma fortaleza.

Aprontou-se uma armada de vinte caravelas para transporte dos negros, dos homens de armas auxiliares, dos religiosos para a conversão dos gentios e dos officiais mecânicos para a obra da fortaleza. O comando da expedição entregou-se a Pero Vaz da Cunha, o Bisagudo.

Tal é, em resumo, a narração que da vinda de Bemoim ao reino nos deixaram os dois autores citados, um, contemporâneo dos acontecimentos, o outro, bem ao facto d'elles, como é notório, apesar de ter escrito sessenta anos depois. Vejamos agora os esclarecimentos, que ácerca da formação daquella armada nos ministram os documentos no principio deste estudo apontados.

A. BRAAMCAMP FREIRE.

(3) *Asia*, de JOÃO DE BARROS, década I, liv. 3.º cap. 7.º

ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

— Perdão... príncipe — parece-me que dormi.

— A culpa foi minha; vá descançar. Myrto, posso-a vêr amanhã? Antes da minha partida?

— O quê, parte amanhã?

— Sim, apenas vim para a missa da meia noite, parece-lhe impossível, não sabe que sou cheio de ideias phantásticas?

— Mas ainda não viu sua mãe e irmãs!

— Não lhes causarei grande pena, talvez a minha presença lhes dêse uma festa de Natal menos agradável...

— Oh! Arpad!

Milcza agarrando nas mãos de Myrto;

— O seu protesto é amabilidade. Mas... conheço-as muito bem. Sei que não tenho sido um irmão muito amavel, mas se visse n'ellas a energia, o valor de certa alma delicada que eu conheço, creia que tinham em mim um irmão cheio de afeição e carinhos.

Myrto comprehendendo a alusão, corou um pouco; e para desviar o assumpto disse:

— Então é certo partir amanhã?

— Absolutamente. Tenho grandes projectos, e vim buscar aqui um pouco de luz que levo no coração. Tive horriveis crises moraes, e o que me valeram foram as conversas do padre Joaldy. Agora sinto a minha alma illuminada.

Logo que dois dias depois a condessa Zolanyi e as filhas voltando para Budapesth souberam da estada do príncipe, cahiram das nuvens.

— E' mesmo d'elle! disse a condessa admirada. Que disse de não nos vêr? Ficou zangado?

— Não ficou, esteve sempre bem disposto.

— E' de crer... disse Irene.

— Mas quê singular ideia! disse a condessa já sentada e encostada á mesa, elle que não queria deixar Voraczy! Estar aqui umas horas...

— Para ir á missa da meia noite, elle que foge da igreja, disse Terka, se não fosse a Rosa afirmar, julgaria que a nossa Myrto, teria tido um sonho!

— Tinha aspecto sombrio? Mais tranquillo do seu desgosto? disse a condessa, olhando fixamente para Myrto.

— Vê-se que ainda soffre, mas tem tido a coragem necessaria, e o seu rosto já começa a ter o aspecto antigo, Rosa que diga.

— Parece outro... disse Rosa com ar convicto.

— E ceou *tambem* de companhia?! disse Irene admiradissima, provavelmente amavel...

— Exactamente, disse Rosa com simplicidade.

— Qual seria a alma que o transformou?

— Disse-me que lh' tinha vindo á ideia de passar o Natal com a familia.

— N'esse caso deve ter soffrido muito longe dos seus. E' natural, na vespera

de Natal o filho brincava muito com elle, teve saudades.

— Tem razão, disse Terka, estar só-sinho...

— Foram Myrto e Rosa que tiveram a *hora* da sua visita, accrescentou ironicamente Irene, imagino como estiveram contrafeitas...

— Estive contente, por o vêr satisfeito e bem disposto, respondeu Myrto friamente.

Myrto sentia cahir na sua alma o olhar ironico de sua prima Irene. Ah! como o príncipe as conhecia bem!

A época dos espantos não acabára para a condessa e para as filhas. O príncipe Milcza amava as decisões mysteriosas. Uma carta de Katalia deu parte que o príncipe deixára Voraczy, acompanhado do seu creado de quarto e de Miklas para fazerem uma viagem.

Um mez mais tarde, a condessa recebeu de seu filho um bilhete laconico timbrado de Paris, em que lhe participava que fizera uma viagem por Hespanha, Portugal e Algeria e que se encontrava agora no seu palacio na capital franceza. Pelas relações da condessa, esta soube que o príncipe frequentava os melhores salões, centros artisticos e litterarios, sendo recebido optimamente.

— Estou admirada, disse a condessa, quando soube taes noticias, julgava que a morte do filho lhe desse para a tristeza mas vejo que está mudado. Estava tão triste quando estavamos em Voraczy.

— E' incomprehensivel, disse Irene; vejo que está outro! Se me disserem que elle casará de novo, não me admira.

Estas palavras foram ditas com uns certos modos de rancor, e que Myrto não podia comprehender. Mas a causa era bem simples. O príncipe sem descendencia, tinha para seus herdeiros, o irmão e as irmãs, caso casasse, as visões de herança desapareciam como o fumo.

XIII

Um doce sol de primavera aquecia os campos já verdejantes, illuminava as sombras das florestas e as margens dos ribeiros. Uma leve brisa vinha acariciar o rosto de Myrto.

Oh! esse ar de Voraczy como lhe era agradável! Tinha voltado de Napoles onde a condessa Giselia, por causa da saude, tinha ido acabar os ultimos mezes de inverno em casa de uma irmã do defunto conde Zolaniy. Mas a cidade admiravel, o seu sol dourado, todas as maravilhas dos arredores não tinham feito esquecer o dia da partida a Myrto para as regiões de Voraczy.

Voraczy estava ainda sem o seu proprietario. O príncipe depois de uma nova viagem, d'esta vez aos paizes scandinavos, voltara para Paris.

Tinha escripto a sua mãe pedindo-lhe para lhe dar parte quando tencionava ir para Voraczy, pois elle desejava ir *tambem*.

Esta carta fez apressar a condessa que desejava demorar-se mais tempo em Vienna. Mas, alguns dias antes da partida lendo um jornal, viu esta noticia: «O Bosque esteve para ser hontem o theatro d'uma grande desgraça. O conde de Sorgues e sua filha, a formosa viuva do visconde de Soliers o *sportman* bem conhecido, passejavam a cavallo em com-

panhia do príncipe Milcza, o jovem magnate hungaro, tão querido da nossa melhor sociedade. Na volta de uma avenida, o cavallo da sr.^a de Soliers apoz uns grandes saltos correu vertiginosamente fugido! O príncipe Milcza que é um notavel cavalleiro, correu atraz da amazona, conseguindo agarrar as re-deas do cavallo da pobre senhora. O príncipe ficou maguado no hombro pela força que fez para conseguir parar o cavallo.»

A condessa telegraphou logo ao filho, recebendo a seguinte resposta: «Soffro muito, mas não é grave, conto estar em Voraczy na data precisa.»

Porém, quando a condessa chegou á estação, um creado entregou-lhe um telegramma, em que o príncipe dava parte que chegaria d'ahi a dois dias.

— Estará peor? Este jornal não está talvez bem informado.

Como no anno precedente, todos os creados estavam na grande varanda do palacio. Quando chegaram á primeira sala a condessa ponde ver que havia grande quantidade de flôres em jarras.

— Estou sonhando! Flôres aqui?!

— Pela primeira vez? disse Irene.

Era uma enorme quantidade de flôres das mais bonitas e das mais caras.

— Mas, ó Vildy, foi o sr. príncipe que deu ordem?!

Sim, sr.^a condessa.

Subiram as escadas, a condessa e as filhas, Myrto acompanhava-as, silenciosamente.

— Vou para o mesmo quarto? disse Myrto.

Sem duvida, estou certa que a Katalia o arranjou.

Katalia ao ouvir estas palavra3 aproximou-se da condessa e disse:

— O sr. príncipe deu ordem de preparar para a menina Myrto a *sala das Flôres*.

— O quê?! a *sala das Flôres*?

— Que loucura! murmurou Irene entre os dentes. Uma das melhores salas do palacio! A gratidão tolda-lhe a vista.

Myrto seguiu Katalia que a conduziu a grande sala branca com flôres muito bem pintadas. Mesmo os moveis de uma rara elegancia eram brancos *tambem* com flôres pintadas. Em uma grande peça de Sévres estavam as flôres mais preferidas de Myrto.

— Penso que a menina, ficará contente aqui? A vista é lindissima.

Myrto abriu a janella e ponde vêr que os jardins se tinham transformado em matagaes de flôres raras!

— Flôres por toda a parte! disse Myrto.

— Está tudo mudado, disse Katalia. O sr. príncipe enquanto esteve só-sinho o anno passado arranjou tudo de novo, e mandou vir flôres das mais caras e variadas

(Continua)



O MEZ METEOROLOGICO

Abril de 1916

Barometro—Max. 774,^m8 em 9.Min. 756,^m4 em 24.Temperatura—Max. 23,^o9 em 30.

Min. 6,5 em 12.

Nebulosidade—Céu limpo ou p. nublado 12 dias

» nublado—17 dias.

» encoberto—1 dia.

Chuva—22^m0 em 6 dias, registando-se trovoadas

forte em 22.

Horas de sol—260 h. 17.

Vento dominante—N. N. W.



MONUMENTO A GUILHERME FERNANDES

Dia 1.º de Maio foi inaugurado, na capital do norte, o monumento ao arrojado e benemerito bombeiro Guilherme Fernandes.

O solene acto constituiu significativa festa a que concorreu a população portuense, comissão municipal, representantes do general da divisão do comandante da Guarda Republicana, governador civil, Centro Commercial do



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A GUILHERME FERNANDES, NO PORTO
(Clichés do sr. J. Azevedo)

Porto, outras coletividades e delegados de corporações de bombeiros de Lisboa, Porto, Braga, Penafiel, Vizeu, Coimbra, Vila Rial, Portalegre, Torres Vedras, outras cidades e vilas, assim como representantes da Cruz Vermelha. A festa decorreu entusiasmaticamente — e, Deus queira, sirva de estímulo a vocações sinceras e dedicações benemeritas.

CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

LARGO DO CALDAS, 1, 2.º

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que desejarem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado

que
por completo
tira a caspa

e
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica
de Lisboa

DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças,
dentes artificiaes, etc.

Desinfeccção meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros
— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico
em todos os artigos de confeitaria

= Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptizados e solrêes

Livraria Inglesa

DE
M. LEWTAS & TABOADA

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios
para presentes de creanças, livros de estudo in-
glezes para todas as classes adoptados nos lycens.

Historia da Guerra illustrada com mappas e
retratos, vistas das cidades attingidas pela
Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de
escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas,
havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis

Sortimento de guarda-chuvas, bengalas som-
brinhas, tudo a preços limitados

138, R. do Arsenal, 144

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1s500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os
organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

GRAND PRIX. O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE
VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO
QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS
PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS.

AVENDA
EM TODAS AS PHARMACIAS

Belem 1889,
Paris, 1889,
Lisboa, 1889,
Amers, 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1908, etc.

Premiado com medalhas de ouro,
nas exposições:

de Lisboa, 1889,
Paris, 1889,
Belem 1889,
Amers, 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.ª

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Pharmacia Franço

Esta farinha é um precioso medica-
mento pela sua acção tónica reconsti-
tute, do mais reconhecido proveito nas
pessoas anemicas, de constituição frac-
ca, em geral, que carecem de forças do
organismo, e ao mesmo tempo um excel-
lente alimento reparador, de facil diges-
tão, utilissimo para pessoas de estomago
debil ou enfermo, para convalescentes
pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre-
villgiado.

Pedro Franco & C.ª

DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA